

## VIII

### ACÇÃO DO ESTADO E DA INICIATIVA PRIVADA

Não basta formular um programma, é preciso achar os meios de realizal-o. Convencidos da verdade deste conceito, não duvidamos afirmar que o Estado e a Iniciativa Privada são as duas grandes forças que devem concorrer para a renovação do nosso systema de ensino. A grande obra da reforma da educação nacional hade ser o resultado da convergencia dos esforços destes dous propulsores energicos da actividade social. Qualquer delles, operando isoladamente, nas actuaes condições em que se acha o paiz, não conseguiria os effeitos que se tem em mira ; os dous elementos combinados serão capazes de remover todos os obstaculos e fundar obra estável e duradoura.

Em regra somos adversarios de toda interferencia do Estado n'aquella ordem de funcções que podem, sem prejuizo publico, ser exercidas pelo Individuo ou pela Associação.

Ao ensino é em these applicavel este principio ; mas elle soffre, como todos os principios, certas modificações na pratica, é susceptivel de temperamentos nos dominios da applicação. Isto de decretar uma moral, uma instrueção, uma educação ou uma sciencia do Estado é sem

duvida inconciliavel com a sua moderna concepção e, o que é mais, com as sagradas liberdades da familia e do individuo. O Estado, ensinando, impondo certas idéas, doutrinas ou systemas, o Estado industrial explorando a educação, é facto avêssos aos sãos principios economicos.

Em these o direito do Estado em materia de educação não vai além da manutenção da ordem, da garantia da moral social e do respeito pelas prescripções da hygiene. Nas regiões da theoria pura, isto se nos affigura indiscutivel; na pratica porém não pôdem estes principios deixar de soffrer excepções, derivadas do meio social em que têm applicação.

O Estado fóra da escola, a sua abstenção absoluta nesta ordem de interesses, é entre nós uma simples aspiração, um ideal longinquo a realizar. Actualmente seria a nossa ruina intellectual e moral. A palavra de Jules Simon, tantas vezes repetida — *o Estado deve preparar a sua demissão de professor* — é uma fórmula exacta e verdadeira, mas encerra uma solução do futuro. Por ora está longe ainda o dia em que, na phrase de Léon Vanderkindere, todos reconhecerão que o Estado não tem por missão ensinar.

Somos partidari's convencidos da emancipação do ensino da tutela do governo, queremos a mais ampla descentralisação intellectual, abraçamos com entusiasmo o grande e fecundo principio da liberdade do ensino, proclamado em nosso seculo por uma pleiade illustre de economistas e publicistas; são taes, porém, as condições peculiares de nosso paiz, que somos forçados.

não dominio da applicação, a fazer certas restricções, à these geral que estabelecemos. Estas excepções, que as urgencias da vida real nos obrigão a fazer, não invalidão a substancia dos dogmas sóciaes que sustentamos. Applical-os em toda a sua plenitude ao nosso paiz, seria ir de encontro às exigencias da pratica, seria um impossivel de ordem tal, que não nos animamos a fazel-o.

A nossa instrucção publica atravessa uma phase de transição, as provincias e os municipios escasseiam de recursos para a realisação das reformas necessarias, e a iniciativa privada é quasi nulla. Nestas condições, abandonar o Estado a tarefa civilisadora da regeneração do ensino nacional, desinteressar-se por esta grande transformação, por esta questão capital da actualidade, por esta reforma vital, que é o prefacio de todas as outras reformas nacionaes, equivale a condemnar irremissivelmente o paiz ao estacionamento, à desorganisação e à anarchia, Não se modificam assim tão rapidamente habitos inveterados, e esperar a reforma do ensino exclusivamente da iniciativa individual, em um paiz cuja vida politica tem sido toda de centralisação, seria demoral-a indefinidamente, se não fosse compromettel-a de todo.

Nunca sacrificaremos um interesse publico, real e provado, ao absolutismo de um systema ou á belleza de um ideal philosophico.

E' por isso que na questão do ensino technico, sem descer completamente dos esforços da iniciativa privada, e ao contrario, fazendo a ella o mais energico e

fervoroso dos appellos, não duvidamos reclamar toda a atenção do Estado, toda a intervenção possível da parte dos poderes constituídos, para este magno problema, em que vemos consubstanciados interesses de ordem social elevadíssimos. Convém que o movimento parta do centro, porque só assim poderá irradiar-se por todos os pontos da circumferencia. O Estado deve dar o exemplo, delle deve partir o impulso, por todos os meios directos e indirectos ao seu alcance. Por mais valioso que seja, o concurso da iniciativa particular não dispensa a acção do Estado. Será isto uma triste necessidade da nossa situação, um máo symptoma do enervamento de nossas forças, seja porém o que fôr, é um facto que se impõe, e debalde tentariamos lutar contra elle.

A iniciativa privada, por si só, por maiores que sejam os fructos que della se esperem, não será capaz de conseguir a organização do ensino technico nacional. Disto, porém, não concluiremos que ella não deve concorrer para a realisação deste elevado intento.

Longe de esperar tudo da acção governamental, de eliminar a força fecunda e productora da iniciativa individual e collectiva, de consentir nesta abdicação da actividade privada, que corresponde à absorpção pelo Estado de todos os elementos da vida nacional, devemos, ao contrario, reagir com vigor contra esta tendencia funesta.

Na esphera do ensino, como nas demais questões sociaes, não devemos demittir de nós a grande força da iniciativa individual, centuplicada pela associação, para

confiar cégamente no poder centralizador do deo-estado, do governo-providencia.

A' centralisação que atrophia e mata os nossos estímulos, opponhamos a descentralisação que alenta e fortifica. A' intervenção do Estado, opponhamos a acção fecundante da nossa energia e espontaneidade individual.

*Sem a vitalidade das cellulas organicas o corpo social, como o corpo animal, não é mais do que um cadaver submettido ao processo de galvanisação.*

Nenhum assumpto é mais digno da convergencia dos nossos esforços. O patriotismo reflectido e generoso, aquelle que sabe inspirar-se nos verdadeiros interesses do paiz, tem nelle um vasto campo de manifestação.

Nas questões de ensino todas as classes são interessadas e devem empenhar-se seriamente para conseguir a realidade desta aspiração commum, que a todos aproveita. Estamos aqui em um terreno neutro, em que podem encontrar-se todos quantos desejam o progresso do paiz.

Sigamos o exemplo das nações cultas, onde o espirito de iniciativa, poderosamente secundado pelo espirito de associação, tem operado verdadeiros prodigios.

Por que não havemos de imitar os bellos exemplos que neste grandioso assumpto da instrucção popular nos tem dado a França, a Allemanha, a Inglaterra e os Estados-Unidos?

Na Inglaterra, grandes e importantes associações tem a seu cargo os maiores interesses do ensino;

fundam e dirigem escolas primarias e technicas e congregam em seu seio os homens mais salientes da politica, do professorado, da industria, de todas as classes. São celebres e muito conhecidas pelos seus serviços a *National Society*, a *British and Foreign Society* e a *Home and Colonial Society*.

Fallando da Inglaterra, não calaremos um facto caracteristico. Em 1869 fundava-se em Birmingham a *National Education League*, e o movimento por ella iniciado tornou-se tão geral e irresistivel, que correu grandemente para que o parlamento votasse o *Elementary Education Act* de 1870.

Em França, um sem numero de associações têm por fim a propaganda do ensino em seus diversos ramos e grãos. A *Associação Polytechnica*, fundada em 1830 por um grupo de antigos alumnos da Escola Polytechnica, tem por principal intuito a fundação de cursos gratuitos para operarios. Conta 15 secções em Paris e 18 nos suburbios. Mantém 200 cursos gratuitos e foi declarada de utilidade publica em 1879.

A *Associação Phylotechnica*, creada em 1848, tem só em Paris 200 cursos semanaes, em que se distribue o ensino industrial e commercial.

A *Sociedade Phylomatica* de Bordeaux, fundada em 1808, tem por sua vez prestado relevantes serviços à instrucção.

Seu fim é propagar todos os conhecimentos uteis e agradaveis: occupou-se primeiro de litteratura e bellas artes e depois de questões agricolas e industriaes. Em 1839, tratou de ensinar a ler e escrever aos operarios, e

mais tarde applicou a sua actividade á propagação e desenvolvimento do ensino technico. Tem hoje 35 cursos nocturnos para o sexo masculino, frequentados por 2.000 alumnos, e 15 cursos para o sexo feminino, frequentados por 500 alumnas. Em 1874 foi-lhe confiada a direcção da Escola Superior de Commercio e em 1886 promoveu a reunião do Congresso Internacional do Ensino Technico.

Além destas três que mencionámos especialmente, outras muitas, espalhadas por todo o paiz, concorrem para a grande obra da instrucção popular, em seus diversos aspectos.

Na Belgica as sociedades *L'Avenir* e *Callier*, fundada em Gand a esforços do illustre F. Laurent, o emerito professor da Universidade, compostas de operarios e artistas, empenham-se pela elevação moral e intellectual da classe operaria. Além destas, numerosas associações se dedicam á grande causa do ensino popular e destacam-se a *Sociedade Franklin*, fundada em 1865, e a *Sociedade dos Serões Populares*, de Verviers. Estas duas associações mantêm cursos publicos e gratuitos, bibliothecas, jornaes, almanacks, museos, congressos pedagogicos, excursões scientificas e industriaes, concertos e circulos de recreação popular.

Na Hollanda a *Sociedade do Bem Publico*, que remonta a 1784, tem creado cursos para operarios, conferencias, caixas economicas e bancos populares, bibliothecas, circulos e publicado livros de propaganda instructiva.

Na Dinamarca a *Associação dos Operarios* de Copenhague data de 1860 e mantem cursos para adultos,

bibliothecas e um órgão de publicidade importante e autorizado.

Na Italia os *gildes*, especie de círculos operarios, são numerosos e possuem escolas nocturnas, escolas de desenho, cursos publicos ou conferencias, em que procuram fazer a propaganda do bem. As diversas instituições de credito popular que existem, são em grande parte devidas á propaganda destes círculos.

Na Russia a *Associação Polytechnica* de S. Petersbourg, fundada em 1865, mantém cursos technicos e conferencias, e sua benefica influencia faz-se sentir por todo o paiz.

Na Allemanha, entre as numerosas instituições que têm por fim o melhoramento das classes populares, destaca-se a *Associação dos Operarios* de Berlim. Fundada em 1843 e reconstituída em 1859, acha-se hoje no maior grão de prosperidade e tem prestado os mais assignalados serviços á causa das classes industriaes. O seu fim principal é distribuir a instrucção geral e profissional, e para conseguil-o tem empregado varios meios, entre os quaes o ensino theorico, bibliothecas, conferencias e publicações periodicas. Esta associação tem tido cuidado especial no desenvolvimento do ensino technico, e para isto além dos cursos theoreticos, tem estabelecido cursos praticos, aulas de desenho, modelagem e outros. Conta cerca de 4.000 socios e mais de 90.000 operarios têm recebido della o ensino de que carecem nas suas especialidades profissionaes.

Em nenhuma parte do mundo, porém, tem a instrucção nacional recebido da iniciativa privada impulsão



mais vigorosa do que nos Estados-Unidos. E' admiravel o espetaculo que neste assumpto nos offerece a patria de Benjamin Franklin, de Channing, de Horacio Mann e de outros devotados apóstolos da instrucção popular. A generosa e patriotica munificencia dos Peabody, dos Erza Cornell, dos Astor, dos Salisbury, dos Walcher, dos Brinton tem contribuido com magnificas dotações para a propaganda do ensino, para creação de escolas, institutos, muséos, bibliothecas e universidades. Grandes associações formam-se e multiplicam-se com os mesmos intuitos, e cita-se entre outras muitas a *União para o adiantamento da sciencia e da arte*, fundada por Peter Cooper. Das 44 sociedades que se dedicão á educação da infancia desamparada, só a *Children's Aid Society* e a *American Female Guardian Society* mantêm 32 escolas industriaes. A iniciativa particular tem feito prodigios e os mais admiraveis resultados têm sido colhidos nesta patriotica e elevada campanha em prol do ensino. A verdadeira inspiração do bem publico, a intuição segura do futuro têm presidido ao consideravel movimento de propaganda escolar, que se accentua em todas as classes.

Por que não havemos nós, brasileiros e americanos, de imitar este grande exemplo, seguir esta grande lição ?

Por que não havemos de acompanhar os outros povos civilizados nestes empreendimentos grandiosos, em favor da educação e do ensino ?

Por que deixaremos enervar as nossas forças pela inactividade, esperando tudo da acção do Estado ?

Si não podemos fazer as opulentas dotações escolares



que têm celebrizado os grandes philanthropos da União Americana, não é isto motivo para que, embora em menor escala, não procuremos unir os nossos esforços em assumpto de tanto alcance social.

Por maior que seja a parte do Estado, fica sempre reservada á iniciativa privada uma grande missão.

« E' para a instrucção e educação, diz um notavel escriptor, que a iniciativa privada deve fazer convergir todos os seus esforços e, neste terreno, a acção do poder, limitada e definida pelo estado da opinião e dos costumes, deixará sempre vasta carreira aberta aos beneficios da iniciativa privada, collectiva ou individual.» (1)

Melhor emprego não poderia encontrar a generosidade verdadeiramente patriótica de nossos concidadãos, mais nobre arena não podia ter para suas manifestações a iniciativa privada.

A organização do ensino technico viria preencher uma grande lacuna no nosso systema de ensino e concorrer poderosamente para o progresso industrial de nosso paiz. Creação altamente utilitaria — mas utilitaria no bom sentido da palavra — as escolas profissionaes compensariam de sobra os esforços empregados pelos resultados obtidos.

Por maior, porém, que seja o nosso desejo de vêr a iniciativa particular cooperar com o Estado nesta grande obra de reconstrucção escolar, não nos queremos illudir em nossa expectativa e por isso reclamamos a intervenção seria, reflectida e energica do Estado.

---

(1) LEON LEBON — *La Paix Sociale* — p. 107 — Bruxelles

Nesta aspiração temos de lutar contra uma pronunciada tendencia, um vicio de que desgraçadamente se vai resentindo o caracter nacional — a indiferença, que em geral acolhe todas as idéas, que sahem da craveira commum dos interesses egoistas, das questões pequeninas que fazem toda a urdidura de nosso viver, e constituem a trama de nossa existencia social.

O scepticismo — enfermidade moral que ataca as sociedades em decadencia — por uma cruel anomalia, parece querer invadir o nosso organismo e nós, povo de hontem, nacionalidade nova, estamos precocemente ameaçados de vicios, que accomettem as sociedades velhas e gastas, incapazes de se apaixonarem pelas nobres idéas e alevantados commettimentos.

Prova da verdade que affirmamos é a falta de tenacidade, a intermittencia de esforços para a realização de qualquer nobre apprehendimento, que se apresenta superior ás concepções estreitas dos nossos moldes politicos. No proprio assumpto de que nos occupamos encontram-se argumentos em favor do que acabamos de affirmar.

Não ha excesso de rigor nesta apreciação que fazemos, nesta triste revelação do caracter nacional. Não somos nem pessimistas, nem optimistas, e entre estes dous extremos, igualmente perigosos, temos assentado a nossa observação dos phenomenos sociaes. Sem descreer do futuro, antevemos todavia as difficuldades com que terá de lutar esta idéa, como outra qualquer da mesma natureza.

E' preciso reagir e reagir fortemente contra este

pendor, que se vai tão profundamente radicando no espirito publico, de tudo esperar da intervenção do Estado — embora constitua ella uma usurpação.

Estará por acaso o nosso povo, rebento novo da grande arvore da raça latina, destinado a tão precoce esgotamento de seiva ? Não o cremos.

Por mais que o contestem opiniões autorisadas e certos factos contemporaneos pareçam comproval-o, nós continuamos a crer na supremacia intellectual e moral da nossa raça.

O mundo latino, por mais que affirmem o contrario as pretensões germanicas, continuará a conduzir o labaro da civilisação, pela nobreza de seus commettimentos, generosidade de suas aspirações, valor moral e intellectual de suas obras.

E a nós, descendentes desta grande raça no solo da livre America, cabe uma parte de responsabilidade nesta obra commum. Não nos tornemos, pelo nosso indifferentismo, indignos de nossa missão. Os povos têm como os individuos uma vocação, não contrariemos a nossa, tão manifestamente indicada pelos dons extraordinarios que a natureza nos prodigalizou. Cuidemos do nosso futuro, procurando com energia engrandecer esta patria immortal, que devemos estremecer com o sentimento largo, profundamente altruista do verdadeiro patriotismo e sufloquemos as inspirações estreitas e acanhadas do individualismo esterilizador e dissolvente. Um fará a nossa ruina, o outro a nossa gloria.

---

## IX

### NOTA BIBLIOGRAPHICA

Ajuntando a nota que se vai lér, foi nosso intento não só cumprir um dever de justiça litteraria, nomeando os autores e os livros que consultámos e que maior auxilio nos prestaram na confecção do nosso trabalho, mas ainda indicar as principaes fontes onde se pôdem colher amplas informações e valiosos documentos, para o estudo aprofundado desta questão, que reputamos uma das mais importantes, de quantas se prendem ao vasto problema da instrucção nacional.

Não pretendemos dar a bibliographia completa do assumpto; para isto seria necessario fazer a bibliographia de toda a sciencia da educação e do ensino.

E' um simples agrupamento, por ordem alphabetica de algumas obras recentes ou antigas que tratam, geral ou especialmente, do assumpto de que nos occupamos.

---

ALMEIDA OLIVEIRA — O Ensino Publico — Maranhão — 1874.

BERSOT — Questions d'enseignement — Paris — 1880.

BAUDRILLART — La famille et l'éducation en France — Paris — 1874.

BAUDOIN — Rapport sur l'état actuel de l'enseignement spécial et de l'enseignement primaire en Belgique, Allemagne et Suisse — Paris — 1865.

- BEURDELEY — L'Ecole Nouvelle — Paris — 1884.
- COSSON — Essai sur l'Instruction Populaire dans ses rapports avec l'éducation économique et sociale — Paris — 1886.
- CHARTON — Dictionnaire des Professions — Paris — 1880.
- COSTA — A Instrução Nacional — Lisboa — 1870.
- COSTA — Historia da Instrução Popular em Portugal — Lisboa — 1871.
- COSTA — Auroras da Instrução — Lisboa — 1884.
- COSTE — Hygiène Sociale — Paris — 1882.
- CUCHEVAL — CLARIGNY — L'Instruction publique en France — Paris — 1883.
- CONGRÈS INTERNATIONAL DE L'ENSEIGNEMENT — Bruxelles — 1880.
- CONGRESSO DE INSTRUÇÃO — Rio de Janeiro — 1884.
- CORBON — De l'enseignement professionnel — Paris — 1880.
- DIDON — Les Allemands — Paris — 1884.
- DUCPETIAUX — De l'état de l'instruction primaire et populaire en Belgique — Bruxelles — 1838.
- DAUBY — De l'amélioration de la condition des classes laborieuses en Belgique — Bruxelles — 1885.
- DUMONT — Etude sur les Ecoles de Commerce — Paris — 1886.
- DESGRANDS — Quelques notes sur les Ecoles de Commerce — Lyon — 1874.
- FRASER — Report on the Common School system of the United States — London — 1867.
- FRARY — La Question du Latin — Paris — 1885.
- FERNEUIL — La Réforme de l'enseignement en France — Paris — 1879.
- HIPPEAU — L'Instruction Publique dans les Etats du Nord — Paris — 1876.
- HIPPEAU — L'Instruction Publique aux Etats-Unis — Paris — 1878.

HIPPEAU — L'Instruction Publique en Allemagne — Paris — 1873.

HIPPEAU — L'Instruction Publique en Italie — Paris — 1875.

HIPPEAU — L'Instruction Publique dans la Republique Argentine — Paris — 1878.

HIPPEAU — L'Instruction Publique en Russie — Paris — 1878.

HAUTTEVILLE — L'Enseignement primaire en Belgique — Bruxelles — 1870.

JOURDAN — Etudes sur les Ecoles de Commerce — Paris — 1886.

JULES SIMON — La Reforme de l'enseignement secondaire — Paris — 1874.

LÉAUTEY — L'Enseignement Commercial et les Ecoles de Commerce — Paris — 1886.

LANGLOIS — L'association, la vie domestique et l'école dans leurs rapports avec la question sociale — Paris — 1886.

LAVELEYE — L'Instruction du Peuple — Paris — 1872.

LEBON — Histoire de l'enseignement populaire — Bruxelles — 1871.

LEBON — Répertoire historique, analytique et raisonnée de l'enseignement populaire en Belgique — Bruxelles — 1871.

LADREYT — L'Instruction publique en France et les Ecoles Americaines — Paris — 1884.

LEONCIO DE CARVALHO — Exposição Pedagogica do Rio de Janeiro — Imprensa Nacional — 1884.

MONNIER — L'Instruction Populaire en Allemagne, en Suisse et dans les Pays Scandinaves — Paris — 1866.

MONTHAYE — L'Instruction Populaire en Europe et aux Etats-Unis — Paris — 1876.

MORTIMER D'OCAGNE — Les Grandes Ecoles de France — Paris — 1887.

MINNSEN — Etude sur l'instruction secondaire et supérieur en Allemagne — Paris — 1873.

PECAULT — Etudes au jour le jour sur l'Education Nationale — Paris — 1879.

PECAULT — Deux mois de mission en Italie — Paris — 1880.

PAUL PASSY — L'Instruction Primaire aux Etats-Unis — Paris — 1885.

PIRES DE ALMEIDA — Officina na Escola — Rio — 1886.

RUY BARBOSA — Pareceres apresentados á Camara dos Srs. Deputados sobre ensino primario, secundario e superior — Imprensa Nacional — 1882 - 1883.

REYNTIENS — L'enseignement primaire et professionnel en Angleterre et en Irlande — Paris — 1864.

RENDU — De l'education populaire dans l'Allemagne du Nord — Paris — 1865.

STEYN - PARVÉ — Organisation de l'instruction primaire, secondaire et supérieur dans le royaume des Pays-Bas — Leide — 1878.

SPENCER — Educação intellectual, moral e physica — versão portugueza — Porto — 1884.

SAINT-MARC GIRARDIN — De l'Instruction intermediaire et de ses rapports avec l'instruction secondaire — Paris — 1847.

SALOMON — Le travail manuel á l'ecole primaire — Paris — 1885.

SALICIS — Enseignement primaire et apprentissage — Paris — 1881.

TALLON — La vie [morale et intellectuelle des Ouvriers — Paris — 1877.

TRUAN — Programme de l'Institut Commercial de Paris suivi d'une étude sur les ecoles de commerce — Paris — 1882.

---





# INDICE

---

I.— O problema do ensino em nosso seculo.....	5
II.— O ensino publico no Brazil.....	20
III.— Reforma do ensino secundario.....	29
IV.— Necessidade da organisação do ensino technico no Brazil.....	42
V.— Escolas technicas em nosso paiz.....	70
VI.— Escolas technicas estrangeiras.....	107
VII.— Organisação do ensino technico nacional.....	177
VIII.— Acção do Estado e da iniciativa privada na organisação do ensino technico.....	228
IX.— Nota Bibliographica.....	240

---